

Neologia e Ensino de Língua Portuguesa: uma proposta didática para o Ensino Médio

Bruno Oliveira MARONEZE¹
Milene BAZARIM²

RESUMO: Neste trabalho, apresentamos (o esboço de) uma proposta de seqüência didática para o Ensino Médio em que a neologia surge como uma questão lingüística a ser explorada em textos do gênero reportagem de divulgação científica. O objetivo da proposta, além de ampliar a competência leitora dos alunos, é levá-los a refletirem sobre esse fenômeno. Tal proposta se justifica, primeiramente, porque a neologia é um fenômeno de língua presente em praticamente todos os gêneros textual-discursivos, desde uma conversa informal até a produção literária. Além disso, na Educação Básica, em especial nos livros didáticos, a neologia ou não é tratada ou é abordada apenas em certos gêneros específicos, como da esfera literária, o que pode dar ao aluno a falsa impressão de que a neologia é restrita a tais gêneros. E, por fim, em muitos casos, o estudo da formação de palavras, quando abordado, passa a ser apenas uma classificação de formas já existentes na língua, sem levar em conta a criação contemporânea de unidades lexicais. Nossa proposta é a elaboração de uma seqüência didática em que são criadas condições para que os alunos reflitam a respeito do fenômeno da neologia do ponto de vista morfológico, mas que também sejam dados elementos que lhes possibilitem interpretar adequadamente os neologismos presentes nos diversos gêneros. Para elaboração dessa proposta nos apoiamos nas concepções de neologia de Alves (1994), de gênero bakhtiniana, de ensino-aprendizagem neovigotskyanas e de seqüência didática do grupo de didática das línguas de Genebra.

PALAVRAS-CHAVE: ensino-aprendizagem de língua portuguesa, neologia, neologismo, seqüência didática.

Introdução

Os primeiros questionamentos a que tentamos responder durante a elaboração deste trabalho foram: por que propor uma seqüência didática para o ensino de neologia e por que fazer isso a partir do gênero³ reportagem? Para tentar responder esses

¹ Doutorando - USP, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Endereço para correspondência: Av. Luciano Gualberto, 403, sala 5, CEP 05508-900, São Paulo – SP – Brasil. Endereço eletrônico: maronezebruno@yahoo.com.br

² Doutoranda – UNICAMP, Instituto de Estudos da Linguagem, Programa de Pós-Graduação em Lingüística Aplicada. Endereço para correspondência: Rua Sérgio Buarque de Holanda, 571, CEP 13083-859 - Campinas - SP – Brasil. Endereço eletrônico: milene_bazarim@yahoo.com.br

³ Aqui, aderimos à concepção de gêneros textual-discursivos como tipos relativamente estáveis de enunciados (orais e escritos) que emergem nas diversas esferas da atividade humana. Todo gênero textual-discursivo possui um conteúdo temático, um estilo e uma estrutura composicional que, combinados, formam um enunciado único, um todo indissolúvel (BAKHTIN, 1953, p. 261-262). Para fins didáticos, acrescentamos a essa concepção a idéia de gênero textual-discursivo como um “mega-instrumento”, ou seja, é possível comparar o gênero “ao mega-instrumento em que se constitui uma fábrica: conjunto articulado de instrumentos de produção que contribuem para a produção de objetos de um certo tipo.” (SCHNEUWLY, 2004, p.28). Assim, acreditamos que em contextos de ensino-

questionamentos, surgiram as seguintes perguntas norteadoras: 1) como (e se) a neologia é tratada nos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental II e Ensino Médio? 2) Como (e se) a neologia é didatizada no livro didático de língua portuguesa? Tendo em vista os resultados de (1) e (2): como elaborar uma seqüência didática a partir de um gênero que não seja literário, articulando as atividades de leitura, produção e análise lingüística?

Trata-se, portanto, de uma pesquisa qualitativo-interpretativista, que também usa alguns procedimentos metodológicos da lingüística de *corpus*. Utilizamos a análise documental quando investigamos os documentos oficiais (Parâmetros Curriculares Nacionais) e uma coleção didática para o ensino de língua portuguesa. A partir dos resultados da análise retroativa desses documentos, elaboramos uma proposta de seqüência didática (SD). A escolha do gênero organizador da SD levou em consideração, principalmente, o tema e a esfera de circulação.

Os resultados são apresentados em cinco seções: após esta introdução, há uma breve discussão sobre concepções de neologia e neologismo; a seguir, há reflexões sobre neologia e ensino baseadas nos Parâmetros Curriculares Nacionais e na coleção didática *Português: Linguagens*, de Cereja e Magalhães; na quarta parte apresentamos o esboço da proposta didática que, neste momento, se concentra na proposta de análise lingüística que contemple a neologia; por fim, trazemos algumas considerações finais sobre o processo de didatização que ora apresentamos.

Concepções de neologia e neologismo

As unidades lexicais de uma língua constituem um inventário ilimitado, em permanente renovação: certas palavras caem em desuso, surgem outras, de acordo com

aprendizagem, os gêneros seriam os potencializadores de aprendizagens, i.e., muito mais que aprender sobre gêneros, se aprende com gêneros.

as necessidades. Para isso, as línguas são dotadas de mecanismos que possibilitam aos falantes a criação de novas unidades lexicais, chamadas de neologismos.

Há diferentes formas de se compreender os neologismos. Para certas concepções teóricas – como aquelas conhecidas pela designação genérica de “gerativismo” – o conceito de neologismo não é necessário porque os elementos e/ou os processos empregados na criação de novas unidades lexicais já estavam disponíveis no sistema.

Mesmo entre os autores que recebem influência das teorias gerativistas não há um consenso sobre o estatuto teórico dos neologismos. Entre os que admitem esse conceito, podemos citar Cano (2007), para quem os neologismos autênticos são aqueles que resultam de elementos (radicais e afixos) já disponíveis no sistema e que são relacionados de uma maneira não observada anteriormente. Sob esse ponto de vista, só é considerada neológica a criação lexical que, de certa maneira, subverte as possibilidades já previstas na língua. O neologismo, portanto, seria um fenômeno relativamente raro.

Aqui, entendemos neologismo como uma nova unidade lexical, previsível ou não, formada por mecanismos oriundos da própria língua ou por unidades lexicais provenientes de outros sistemas lingüísticos. Ao processo de criação lexical dá-se o nome de neologia (ALVES, 1990, p. 5). Se o conceito de “novo” é sempre relativo a algo mais “velho”, faz-se necessário estabelecer procedimentos metodológicos para que uma unidade lexical seja caracterizada como “nova”. O procedimento adotado neste trabalho baseia-se no princípio do “*corpus* de exclusão” ou “filtro lexicográfico”⁴.

O estudo dos neologismos é fundamental para a compreensão dos processos de formação de palavras. Além dos aspectos lingüísticos – que podem explorar as características fonológicas, morfossintáticas, semânticas, psicolingüísticas,

⁴ Segundo esse princípio, são consideradas neológicas as unidades lexicais que não estão presentes num conjunto de obras de referência, em geral lexicográficas, definido previamente. Para o presente trabalho, consideramos como *corpus* de exclusão o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*.

sociolingüísticas e pragmáticas –, o estudo dos neologismos também é importante do ponto de vista cultural e político, pois o surgimento de uma nova unidade lexical geralmente está associado a necessidades sociais, entre elas a de nomeação de conceitos novos tão comuns nas ciências e nas técnicas.

Apesar do consenso entre os estudiosos a respeito do fato de que há, sempre houve e sempre haverá a criação de novas unidades lexicais e que isso evidencia a vitalidade e a dinamicidade das línguas em uso, ainda é comum a concepção de que o neologismo constitui um vício de linguagem a ser evitado, conforme citação a seguir extraída de uma revista especializada em Medicina.

Aparecem na literatura médica expressões como "O exame de densitometria óssea foi *laudado* por seu médico". "As operadoras pedem que o procedimento *laudado* tenha o código da causa da morte". "...confrontar com o que foi *laudado* pelo IML". "... para que o EEG não seja *laudado* como anormal" [grifo nosso]. O verbo *laudar* e seu particípio *laudado* não aparecem em dicionários como o Aurélio, o Houaiss, o Michaelis e mesmo no VOLP,¹ de modo que configuram casos de neologismo ou modismo. Laudado(a) pode ser termo útil, porém pode ser substituído por expressões como *dado o laudo*, *o laudo foi feito (emitido, elaborado)* e similares, pelos que preferam evitar neologismos. (BACELAR, 2007, p. 81)

Essa concepção prescritiva a respeito dos neologismos pode ser encontrada, de forma menos contundente, até mesmo nos documentos oficiais que orientam o ensino de Língua Portuguesa no Brasil, conforme demonstrado na seção a seguir.

Neologia e Ensino

Neologia nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, PCNEM+)

Apesar de haver uma seção dedicada ao trabalho com o léxico nas "Orientações didáticas específicas para alguns conteúdos" nos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental II (PCNs), o termo "neologismo" é mencionado uma única vez, porém no item que trata da prática de análise lingüística.

- Ampliação do repertório lexical pelo ensino-aprendizagem de novas palavras, de modo a permitir:
 - (...)
 - emprego adequado de palavras limitadas a certas condições histórico-sociais (regionalismos, estrangeirismos, arcaísmos, neologismos, jargões, gíria); (BRASIL, 1998, pp. 62-63)

Aparentemente, para os PCNs, os neologismos (ao lado de arcaísmos, jargões, estrangeirismos etc.) constituem palavras “limitadas a certas condições histórico-sociais” e o seu emprego adequado deve ser objeto de ensino apenas na prática de análise lingüística. No entanto, na parte dedicada ao léxico, os PCNs defendem a idéia de que devem ser criadas situações didáticas para que o aluno possa aprender novas palavras, pois “o domínio de amplo vocabulário cumpre papel essencial entre as habilidades do leitor proficiente.” (BRASIL, 1998, p. 84). Podemos entender por “novas palavras” não somente aquelas que já são utilizadas, mas que os alunos desconhecem – e que, portanto, podem ocasionar dificuldades na compreensão dos textos – mas também aquelas que são consideradas “novas” [os neologismos]. Dessa forma, acreditamos que os neologismos podem ter um papel importante na potencialização das estratégias de leitura, pois as mesmas estratégias que os alunos usam para construir o significado de um neologismo – algumas vezes nem percebido pelos alunos como tal – podem ser utilizadas na compreensão de uma unidade lexical que – apesar de não ser considerada neologismo pelos critérios aqui adotados – ofereça dificuldade para os alunos. Além da sua importância no processo de leitura, como *vocabulário passivo*, os neologismos também podem enriquecer o *vocabulário ativo*, se incorporados às produções textuais dos alunos. Conforme apontam os PCNs, a seleção lexical apropriada tendo em vista o tema é um dos elementos que corroboram para a coesão e coerência dos textos de um determinado gênero. Entendemos por seleção lexical não somente a escolha de unidades lexicais cujo uso já tenha sido verificado

anteriormente, mas também a eventual criação de novas unidades para atender uma determinada necessidade de nomeação.

Assim como nos PCNs do Ensino Fundamental II, nos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio – Linguagem, Códigos e suas Tecnologias (PCNEM+), os neologismos aparecem explicitamente relacionados aos procedimentos para o desenvolvimento da “competência gramatical”.

Competência gramatical

(...)

Procedimentos

Entre os procedimentos relativos ao desenvolvimento da competência gramatical, convém ressaltar aqueles que dizem respeito à variação lingüística, profundamente relacionados também à competência interativa:

(...)

- avaliar as diferenças de sentido e de valor em função da presença ou ausência de marcas típicas do processo de mudança histórica da língua num texto dado (arcaísmo, *neologismo* [grifo nosso], polissemia, empréstimo). (BRASIL, 2002, p. 79)

No entanto, da maneira como foi colocado no PCNEM+, temos a impressão de que o estudo de neologismos pode se dar apenas em uma abordagem diacrônica que objetive opor arcaísmo a neologismo e verificar os impactos na construção do sentido. Isso nos preocupa na medida em que pode contribuir para a permanência de uma idéia tão difundida, inclusive pelas práticas escolares, de que a criação lexical não deva ocorrer na contemporaneidade, de que neologismos são vícios de linguagem e de que a língua é homogênea e estável.

Tal concepção sobre a língua se oporia, portanto, ao que é explicitamente defendido explicitamente pelos PCNEM+:

A língua é um *organismo vivo que obedece aos usos e às necessidades de seus falantes*. [grifo nosso] Ao mesmo tempo que recebe influências de outras línguas (como ocorre atualmente com o Inglês), abre espaço para que se criem fatos lingüísticos resultantes das apropriações dessas influências por seus usuários. Por exemplo, termos e expressões ingleses provenientes da informática são absorvidos pelas várias línguas sem que isso constitua necessariamente uma descaracterização da língua original.

Ao mesmo tempo, novos fatos lingüísticos são gerados por falantes que participam de diferentes grupos sociais e, por vezes, essas contribuições acabam sendo absorvidas por outros círculos, constituindo-se não mais como desvio, mas como uso plenamente aceitável na linguagem cotidiana.

Pode-se trabalhar esses conceitos, por exemplo, pelo levantamento do léxico da informática e pelo estudo e discussão das possibilidades de uso de termos similares do Português. Ou, ainda, pelo levantamento do léxico e da sintaxe de grupos sociais determinados (*rappers*, jogadores de *RPG*, esqueitistas, surfistas, músicos). (BRASIL, 2002, p. 66)

Nesse trecho não é feita nenhuma referência explícita à neologia. No entanto, acreditamos que “novos fatos lingüísticos” englobam também novas unidades lexicais. Assim como na definição de neologia a que estamos aderindo aqui, esses “novos fatos lingüísticos” seriam formados por mecanismos oriundos de outras línguas, como o inglês, por exemplo, e também da própria língua. No entanto, ao dizer que essas novas “contribuições” podem ser absorvidas “constituindo-se não mais como desvio, mas como uso plenamente aceitável na linguagem cotidiana”, os PCNEM+ dão a entender que qualquer inovação é tratada em um primeiro momento como um desvio, sendo essa concepção a mesma subjacente ao texto de Bacelar citado anteriormente. É dado a esses “novos fatos lingüísticos”, incluindo-se aí a criação lexical, um caráter restritivo. Se os neologismos surgem em praticamente todos os gêneros, é porque eles também estão presentes em praticamente todas as esferas de produção/circulação dos gêneros, não sendo algo que pode acontecer somente em grupos determinados. A neologia é um fenômeno da língua, sendo possível de ser realizada por qualquer falante.

O fato de os PCNs e PCNEM+ abordarem, mesmo que de uma maneira indireta, a neologia é, sem dúvida alguma, algo positivo. No entanto, preocupa-nos o fato de que determinadas leituras de ambos os parâmetros sustentam uma visão preconceituosa e equivocada a respeito da criação lexical.

O tratamento da neologia no livro didático de Língua Portuguesa (LDP)

Nesta subseção, procuramos fazer alguns apontamentos sobre como a neologia é didatizada nos LDPs, a fim de verificar que abordagem é feita no Ensino Fundamental II, o que deve ser retomado e ampliado no Ensino Médio. Os limites deste trabalho, no entanto, impuseram a escolha de apenas uma coleção.

Para selecionar a coleção a ser analisada: 1º.) consultamos o resultado do IDESP-2007 (Índice de Desenvolvimento da Educação do Estado de São Paulo) para identificar quais eram as escolas que possuem as 100 oitavas séries que obtiveram melhores resultados na avaliação⁵; 2º.) consultamos o banco de dados do FNDE (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação) para saber que coleção era adotada por cada uma das escolas⁶; 3º.) Identificamos 14 coleções⁷, sendo uma delas, *Português: Linguagens*, de Cereja e Magalhães, a mais recorrente (adotada em 31% das escolas pesquisadas). Dessa forma, selecionamo-la para análise. Nossa primeira preocupação foi a de verificar se nessa coleção havia, explicitamente, alguma unidade dedicada ao estudo dos neologismos. Verificamos que isso ocorre no LDP destinado aos alunos da 8.ª série no capítulo dedicado à formação de palavras.

A abordagem feita no LDP analisado se caracteriza pelo reconhecimento do processo neológico; omissão dos critérios utilizados para a identificação dos neologismos; predominância de exemplos de caráter artístico; uso de palavras já consagradas para descrever os processos de formação de palavras.

Diferentemente dos manuais didáticos tradicionais, o estudo dos neologismos, no LDP analisado, não se inicia por uma definição. A reflexão é feita a partir da leitura de uma tira na qual ocorre a palavra *gangsteresa* (significando a forma feminina de *gângster*). A definição de neologismo só é dada posteriormente. Rompendo com a

⁵ Essa lista está disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/educação/ult305u402359.shtml>.

⁶ As informações estão disponíveis em http://www.fnde.gov.br/pls/simad_fnde!/simad_fnde.sisadweb_1_pc.

⁷ Todas as coleções adotadas foram avaliadas pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD).

concepção vigente de que os neologismos devem ser evitados, no livro se afirma que todos os falantes podem criar novas unidades lexicais (CEREJA; MAGALHÃES, 2000, p. 171). Isso pode ser considerado um avanço, pois, ao afirmar que todos os falantes podem criar palavras quando precisarem, o livro contribui para que os alunos se sintam menos constrangidos a criarem novas palavras. No entanto, no momento da definição, os autores do LDP recuperam apenas o neologismo presente na tira, deixando de mencionar que também na pequena reportagem “Fórmula do sorriso” – utilizada para realização de exercícios sobre o processo de formação de palavras e outros conceitos da morfologia – há, pelo menos, um neologismo: *triclosan* (certa substância química bactericida). Parece prevalecer novamente a concepção de que o neologismo é um fato estilístico, típico de gêneros de caráter artístico, e não um fenômeno inerente à língua.

Apesar de solicitar aos alunos que identifiquem os neologismos, conforme exemplificado a seguir, em momento algum são dados critérios para tal.

4. No 1º. quadrinho da tira, para indicar o feminino de um substantivo, a personagem Susanita criou uma palavra nova.

a) Identifique essa palavra.

b) Identifique outras palavras de língua portuguesa que formam o feminino de modo semelhante.

(CEREJA; MAGALHÃES, 2000, p. 168)

2. Além da correspondência entre as duas grandes partes do texto, é possível notar uma correspondência entre os blocos de cada parte. Compare os dois blocos da 1ª. parte. Dois pares de palavras se correspondem, como **nasce** → **renasce**, **morre** → **remorre**. (...)

d) Com esse prefixo [re], foram formadas as palavras **remorre** e **renasce**. Qual dessas palavras causa estranhamento? Por quê?

(CEREJA; MAGALHÃES, 2000, p. 175)

1. O título do poema é “Neologismo”

a) O que quer dizer essa palavra?

b) Que palavra do poema justifica esse título?

(CEREJA; MAGALHÃES, 2000, p. 176)

Nos exemplos acima, parece prevalecer que o critério a ser utilizado pelo aluno para o reconhecimento do neologismo é a sua consciência de falante. Por esse critério, então, será considerada neológica a unidade lexical que o falante sentir como nova ou

estranha. Evidentemente, qualquer critério adotado para o reconhecimento dos neologismos é passível de críticas e questionamentos; mas a não-explicitação de um critério pelo LDP pode associar-se à concepção de que o reconhecimento de uma unidade lexical neológica seja algo puramente subjetivo e intuitivo.

Visando a integração entre as atividades de leitura, produção de texto e análise lingüística, mesmo na subseção intitulada “Estrutura e formação de palavras na construção do texto” (CEREJA; MAGALHÃES, 2000, p. 174-176), a reflexão e análise lingüística são feitas a partir de gêneros textual-discursivos. São utilizados, porém, apenas os da esfera literária: um poema concreto, de Haroldo de Campos, e o poema “Neologismo”, de Manuel Bandeira. Isso pode reforçar a idéia de que neologismos só ocorrem em gêneros da esfera literária.

Ao final da unidade (CEREJA; MAGALHÃES, 2000, p. 176-177), há uma série de atividades que podem ser consideradas inovadoras no ensino da neologia. Primeiramente, há a sugestão de que o aluno crie, utilizando alguns prefixos e sufixos, palavras cujos significados foram previamente determinados.

2. Agora é a sua vez de inventar palavras. Se quiser, empregue alguns destes prefixos: **an-** (privação, negação), **hiper-** (posição superior, excesso), **hipo-** (posição inferior, escassez), **ultra-** (além de), **supra-** (posição superior, excesso). E alguns destes sufixos: **-dor** (agente), **-eiro** (agente, intensidade, ofício), **-ado** (ação, golpe)

Crie neologismos para dar idéia de:

- a) pessoa que beija pouco
- b) pessoa que beija muito
- c) pessoa que fala muito (...) (CEREJA; MAGALHÃES, 2000, p. 176)

Dessa forma, o aluno é convidado a exercitar sua própria criatividade lexical. Embora seja uma proposta de interesse, nela a criação lexical é feita de forma totalmente descontextualizada, desvinculada da situação de uso que poderia motivar a criação dessas unidades lexicais, bem como dos diversos efeitos de sentido que poderiam ser provocados. A atividade seguinte proposta pelo livro, no entanto, busca

relacionar a neologia à constituição de um gênero textual-discursivo, embora reforce a concepção já mencionada de que o neologismo é característico de gêneros literários:

4. A exemplo do poeta Manuel Bandeira, crie um pequeno poema, empregando uma ou mais palavras inventadas por você. (CEREJA; MAGALHÃES, 2000, p. 177)

Na última atividade proposta em relação à neologia nesta unidade, vemos a tentativa de introduzir uma reflexão sobre o ponto de vista cultural e político, ao levar o aluno a discutir a aceitação de estrangeirismos e a incorporação de um neologismo ao léxico geral.

6. Em nosso país, muitas foram as tentativas de substituição de estrangeirismo por neologismos, nem sempre invenções felizes ou bem-aceitas. Veja alguns exemplos:

Neologismos

convescote
balípedo
cinesífero
lucivelo
cardápio
nasóculos

Estrangeirismos

pic-nic (piquenique)
foot-ball (futebol)
chauffer (chofer)
abat-jour (abajur)
menu
pince-nez

a) Desses neologismos, apenas **cardápio** foi aceito pelos falantes da língua portuguesa. Levante hipóteses: Por que os demais não tiveram aceitação?

b) O que é necessário para um neologismo ser incorporado à língua?

c) Todos os falantes da língua podem criar neologismos. Entretanto, o que aconteceria se todo o mundo começasse a inventar palavras?

(CEREJA; MAGALHÃES, 2000, p. 177)

Ao analisar última pergunta tendo em vista a concepção de neologia aqui adotada, percebemos que já está pressuposta uma afirmação incorreta: é fato que todas as pessoas inventam palavras. A pergunta, portanto, perde completamente o sentido, a menos que a concepção de neologismo adotada pelo livro se aproxime da de Cano (2007), em que a criação lexical passa a ser bem menos comum.

(O esboço) de uma proposta didática

Tendo em vista as reflexões feitas nas seções anteriores, são colocados os seguintes desafios: como elaborar uma sequência didática a partir de um gênero que não

seja literário, articulando as atividades de leitura, produção e análise lingüística? Devemos planejar atividades para que o aluno reconheça e interprete os neologismos presentes nos diversos gêneros ou para que o aluno reflita sobre a neologia, crie seus próprios neologismos e os empregue adequadamente? Como abordar a neologia sem correr o risco de considerá-la um desvio ou um fenômeno raro restrito a alguns gêneros, portanto, realizável somente por determinados grupos de falantes “autorizados” ou “marginalizados”? Como abordar os processos de formação de novas unidades lexicais sem realizar uma descrição teórica desvinculada da realidade da língua em uso, sem utilizar como exemplos somente palavras já consagradas advindas, sobretudo, dos gêneros de caráter artístico? Que critérios para a identificação dos neologismos podem ser apresentados para o aluno além da consciência intuitiva do falante?

Na tentativa de superar alguns desses desafios, optamos por organizar o processo de ensino-aprendizagem através das seqüências didáticas (SD). Adotamos aqui a concepção de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p.97), segundo a qual uma SD pode ser definida como “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”. Para esses autores, a finalidade básica de uma seqüência didática é contribuir para que o aluno domine um gênero textual-discursivo. Acreditamos que esse “domínio” só possa ser conseguido através da articulação entre as atividades de leitura, produção e análise lingüística.

Ao tentar articular leitura, produção e análise lingüística na SD, é possível dar também aos alunos condições para a criação e o uso adequado dos neologismos. Por mais que o reconhecimento e a interpretação do neologismo sejam fundamentais, as estratégias que podem ser empregadas para isso não se diferem substancialmente das estratégias de interpretação de unidades lexicais não-neológicas, mas desconhecidas. Pensando na leitura como um processo de construção de sentidos, um neologismo teria,

então, o mesmo estatuto de uma unidade lexical já consagrada, mas desconhecida do aluno.

Adotando a SD como a organizadora do processo de ensino-aprendizagem, assumindo que toda e qualquer abordagem lingüística deve ser feita a partir de situações de uso, fica evidente que o estudo da neologia poderia ser inserido em praticamente qualquer seqüência, já que, como já foi enfatizado aqui, a neologia é um fenômeno presente em praticamente todos os gêneros.

Para a seqüência didática que propomos, escolhemos gêneros da esfera jornalística. Com isso, escapamos das abordagens tradicionais da neologia feitas a partir de gêneros literários e evitamos o tratamento eminentemente diacrônico dos processos de formação de palavras, pois os gêneros escolhidos para este trabalho foram produzidos na contemporaneidade. Dentre as inúmeras possibilidades, escolhemos a divulgação científica porque os neologismos de cunho técnico-científico, apesar de sua importância, são pouco abordados na escola nas aulas de língua portuguesa.

Abaixo, apresentamos o esboço dessa proposta didática, tendo recebido maior atenção a parte dedicada à análise lingüística.

Seqüência Didática

Público-alvo: alunos da 1ª. série do Ensino Médio

Duração: aproximadamente um mês

1 – Preparando a produção inicial

Duração do módulo: 3 horas-aula (h/a) de 50 minutos (1 h/a para leitura e discussão dos textos; 2 h/a para a produção)

Neste momento são apresentados dois textos para a leitura e sensibilização dos alunos em relação ao tema (surgimento de novas drogas). O ideal é ler e discutir os dois textos e só depois solicitar ao aluno que produza uma reportagem.

É preciso situar minimamente os alunos: para que se escreve uma reportagem? Quem será o público-alvo da reportagem que será por eles produzida? Onde essa reportagem será publicada? Também é importante deixar claro para os alunos que se trata de uma primeira versão.

Sugestões para leitura: [não reproduzidas aqui por razões de espaço]

Traficantes põem crack na maconha para viciar rápido

(Disponível em: <http://br.noticias.yahoo.com/s/01092008/25/manchetes-traficantes-poem-crack-na-maconha-viciar-rapido.html>)

Drogas usadas nas escolas e danceterias

(Disponível em: <http://www.drashirleydecampos.com.br/noticias/15005>)

Elaboração do diagnóstico da produção inicial

Com base na produção inicial dos alunos, o professor pode realizar um diagnóstico que aponte as principais dificuldades dos alunos em relação à escrita. Para as dificuldades apresentadas que não forem contempladas inicialmente SD, o professor pode elaborar novas atividades.

- ✓ Algumas perguntas que podem nortear a elaboração de um diagnóstico:
 - 1 – O que os meus alunos já sabem sobre o gênero em questão?
 - 2 – O que meus alunos ainda não sabem sobre o gênero em questão?
 - 3 – Que atividades podem ser realizadas para minimizar a distância entre o que os alunos já sabem e o que precisam saber?
- ✓ Para avaliar a produção do aluno o ideal é considerar, no mínimo, três aspectos:
 - 1 – Letramento: através de sua produção, o aluno demonstra estar familiarizado com a prática de ler reportagens de divulgação científica?
 - 2 – Gênero: a produção do aluno atende às principais características do gênero: tema, estrutura composicional, estilo, função...?
 - 3 – Aspectos lingüísticos: o aluno conhece e usa adequadamente as convenções da escrita adequadas a esse gênero?

2 – Construindo conhecimentos sobre o gênero reportagem

Título: Proibir é legal?

Fonte: Revista Superinteressante, Ed. 244, outubro de 2007. Disponível em http://super.abril.com.br/revista/244/materia_revista_259094.shtml?pagina=1.

Duração do módulo: 6 h/a

- “ler para compreender”: estratégias de leitura do gênero
- construção de conhecimento sobre o gênero: características da reportagem

1.1 Construindo sentidos a partir da capa e do sumário – duração: 1 h/a

- Explorar multimodalidade
- Discutir a função da capa

1.2 Construindo sentidos a partir da abertura – duração: 1 h/a

- Explorar multimodalidade
- Analisar as características (lingüísticas) de abertura e seus impactos na construção dos sentidos
- ✓ Chamar atenção para a expressão “Proibir é legal?”, explorando os sentidos de “legal”.
- ✓ Chamar a atenção para unidade lexical “baseado”, associando a “legal”, discutindo os vários usos de uma “mesma palavra”
- Levantar hipóteses, realizar antecipações sobre o encaminhamento que será dado ao tema na reportagem.

1.3 Leitura da reportagem – duração: 4 h/a

- Explorar a multimodalidade: qual a importância dos infográficos na leitura da reportagem?
- Analisar as estratégias lingüístico-discursivas utilizadas para a instauração da polêmica: proibição x liberação
- ✓ Argumentos de autoridade
- Discutir a suposta “neutralidade” da reportagem, identificando eventuais marcas lingüísticas de posicionamento (modalização, ironia, comparação...)
- Sistematizar as principais características dessa reportagem: função, esfera de circulação, público-alvo, estilo etc...

3 – Prática de análise lingüística

Duração do módulo: 6 h/a

Possibilidades: processo de referenciação, paragrafação, pontuação, novas unidades lexicais etc.

3.1 – As novas unidades lexicais

Construindo o conceito

Ao ler os textos [desta unidade], você deve ter notado que apareceram várias palavras para dar nome a certos conceitos (objetos concretos, idéias, procedimentos, técnicas etc.) que surgiram em período muito recente. Observe estes exemplos:

a) Chá de chumbo

Efeitos: perda da consciência e tontura
(Drogas usadas nas escolas e danceterias)

- b) Há cerca de um ano e meio, os traficantes do Rio de Janeiro começaram a vender o kit "maconha mais crack", batizado por lá de "cracanha". (Traficantes põem crack na maconha para viciar rápido)
- c) E, por isso, os traficantes começaram a adicionar pedrinhas do outro entorpecente, mais perigoso à saúde, para potencializar o efeito do cigarro de maconha e cativar o 'freguês'. (Traficantes põem crack na maconha para viciar rápido)
- d) Assim nasceram os primeiros cartéis da Colômbia e megatraficantes como Pablo Escobar. (Proibir é legal?)
- e) A idéia deu origem ao koffeshops, estabelecimentos onde o usuário pode escolher variedades da erva no cardápio. (Proibir é legal?)
- f) Os remédios à base de *Cannabis* que existem hoje – a Nabilona e o Marinol – não são muito eficientes porque o THC, que resolve a náusea, também é responsável pelo “barato” da maconha. (Proibir é legal?)

As palavras assinaladas foram utilizadas nos textos para dar nome a conceitos que surgiram muito recentemente em nossa sociedade. Quando surge um conceito novo, surge também a necessidade de dar um nome a esse conceito, ou seja, de criar uma nova palavra para ele. As palavras novas que surgem dessa forma recebem o nome de “neologismos”, e o processo de criação dessas palavras é chamado de “neologia”.

Identificando os neologismos

Além dos exemplos mostrados anteriormente, nos textos lidos é possível encontrar outros exemplos de neologismos. Identifique-os. Para auxiliar na sua identificação, você pode utilizar as seguintes pistas:

- a) palavras em que há marcas tipográficas: itálico, aspas;
- b) palavras unidas por hífen;
- c) palavras em que há afixos (prefixos e sufixos);
- d) palavras que são acompanhadas por definições, paráfrases ou explicações.

Um critério utilizado para saber se as palavras identificadas segundo as pistas acima podem ser consideradas ou não neologismos é a consulta a um dicionário contemporâneo.

Veja o caso de “barato”:

Por ter uma maconha de baixa qualidade, o traficante adiciona o crack para que o usuário tenha o chamado 'barato'. (Traficantes põem crack na maconha para viciar rápido)

Apesar de estar entre aspas e chamar a nossa atenção, esse uso já está registrado no dicionário *Houaiss*:

barato. *adj.* (1344 cf. IVP) **1** que se vende por baixo preço <artigos *b.*> **2** que cobra ou em que se cobra preço módico <lustrador *b.*> <restaurante *b.*> **3** que não exige gastos elevados <festa *b.*> **4** sem qualidade, sem originalidade; banal, comum, ordinário <literatura *b.*> **5** falta de classe, de elegância <local freqüentado por gente *b.*> *s.m.* **6** comissão paga pelos jogadores de carta à pessoa ou estabelecimento que lhes fornece um espaço, material de jogo, alimentação etc. **7** (sXX) *B infm.* aquilo que deleita; pessoa ou coisa boa, bonita, ou que se admira; curtição <viajar com ela é um *b.*> <a irmã dele é um *b.*> **8** *B infm.* aquilo que está na moda <o *b.* agora é usar saias longas> **9** *B infm.* detalhe, acessório <um blusão com um *b.* no bolso> **10** *B infm. drg.* reação psicológica e/ou física, podendo ou não ser agradável, provocada pelo uso de droga; baratino *adv.* **11** (sXX) por preço baixo <comprou *b.* o carro> **12** sem muito custo (tb. fig.) <saiu-lhe barato a nova aquisição> dar de *b.* dar sem relutância ou questionamento ETIM regr. de *baratar*; ver ¹*barat-* ANT como *adj.* e *adv.*: caro HOM barato(fl.baratar)

Compreendendo o processo

Observe que as palavras que assinalamos e as que você encontrou foram criadas por meio de diferentes estratégias. Procure organizar agora as palavras que foram criadas:

- pela mesma estratégia de *megatraficante*:
- pela mesma estratégia de *koffeshop*:
- pela mesma estratégia de *chá de chumbo*:
- pela mesma estratégia de *craconha*:
- pela mesma estratégia de *freguês*:

Vamos agora entender melhor como funcionam essas estratégias. É importante ressaltar que estamos chamando a atenção aqui para os neologismos, ou seja, as palavras novas, criadas há pouco tempo. No entanto, todas as palavras, mesmo as “antigas”, um dia já foram neologismos. E as estratégias empregadas para formá-las foram basicamente as mesmas que empregamos para formar as palavras novas hoje.

a) Composição (*chá de chumbo*):

Essa estratégia consiste na união de duas ou mais palavras que têm, sozinhas, um determinado significado, mas que, quando se juntam, passam a ter outro. Em *chá de chumbo*, por exemplo, temos as palavras *chá* (uma bebida), *de* (preposição) e *chumbo* (um metal), que, juntas, formam o nome de uma droga. A composição, em muitos casos, pode aparecer com hífen, mas cuidado! Nem sempre isso acontece.

- Que outros exemplos de composições você conhece? Procure exemplos que não estejam registrados nos dicionários, para observar como essa estratégia está sendo usada atualmente.

b) Cruzamento vocabular (*craconha*):

Alguns consideram um tipo de composição, porque também acontece com duas ou mais palavras. A diferença é que, no cruzamento vocabular (também conhecido como palavra-valise), entram só “pedaços” das palavras. Muitas vezes, também, as palavras que entram têm sons em comum. Veja só: tanto *crack* como *maconha* têm os sons /ak/ (escrito *-ack* no caso de *crack* e *-ac-* no caso de *maconha*). Isso facilita a união das duas palavras para formar *craconha*. Esse tipo de estratégia costuma formar palavras que chamam muito a atenção do leitor/interlocutor.

Veja o exemplo de *adultescente* (cruzamento de *adulto* com *adolescente*):

Amigos leitores, inauguro hoje uma série de postagens em que descreverei tipos que merecem minha pessoal e intransferível execração pública. Com a obstinação de um João Batista no deserto, besuntado de mel e empanturrado de gafanhotos, apresentarei breves características de tipos infames e oferecerei, ao final, propostas para combater as pragas que andam infestando nossas aldeias. Começarei falando do adultescente. (Blog: <http://hisbrasil.blogspot.com/2007/05/tipos-contemporneos-1-o-adultescente.html>)

- Que outros exemplos de cruzamentos vocabulares você conhece? Procure exemplos que não estejam registrados nos dicionários, para observar como essa estratégia está sendo usada atualmente.

c) Derivação (*megatraficante*):

Ocorre a derivação quando temos uma palavra (chamada de *primitiva*) e acrescentamos afixos (prefixos ou sufixos), que mudam o significado, formando uma palavra *derivada*. Por exemplo, o autor da reportagem utilizou como primitiva a palavra *traficante*; acrescentou o prefixo *mega-*, que dá uma idéia de grandeza, importância, e formou a palavra derivada *megatraficante*, que, nesse contexto, significa um traficante de grande poder e influência.

Existem vários tipos de derivação. As mais comuns são a derivação prefixal e a sufixal, mas também é importante mencionar a parassintética e a regressiva. Vamos estudar cada uma delas:

1. Derivação prefixal: é o acréscimo de um prefixo, ou seja, um elemento colocado antes da palavra primitiva (como no exemplo *megatraficante*). É o tipo mais comum de derivação na atualidade. Na maioria dos casos, a derivação prefixal não muda a classe gramatical da palavra primitiva. Ou seja, se *traficante* é um substantivo, *megatraficante* também vai ser.

2. Derivação sufixal: é o acréscimo de um sufixo, ou seja, um elemento colocado no final da palavra primitiva. Nos textos estudados, não há nenhum exemplo de neologismo formado dessa forma, mas não é difícil encontrar. Veja o seguinte exemplo (*barcelonista*, torcedor do clube de futebol Barcelona):

"Ronaldinho Gaúcho nos devolveu o orgulho de ser barcelonistas". (Época, 1/7/2006)

Nos dias de hoje, a derivação sufixal não é o tipo mais comum de derivação, mas em outras épocas já foi muito mais comum do que a derivação prefixal. É importante observar que a derivação sufixal pode mudar a classe gramatical de uma palavra. Por exemplo, um substantivo primitivo pode se transformar num adjetivo ou num verbo. Veja o caso de *degringolamento* (substantivo formado a partir do verbo *degringolar*):

"É a minha história que está em jogo", disse um Lula irritado a um auxiliar. O presidente está convencido de que o combustível das denúncias é a eleição presidencial de 2006 e que a desistência da reeleição seria, em último caso, a carta na manga para evitar o **degringolamento** da economia e a perda do controle da administração. (Época, 13/6/2005)

3. Derivação parassintética: é um tipo de derivação muito raro atualmente, mas que já foi mais comum. Consiste no acréscimo de um prefixo e de um sufixo *ao mesmo tempo*, para formar, na maioria dos casos, um verbo. No seguinte exemplo, acrescenta-se o prefixo *a-* e o sufixo *-ar* ao adjetivo *nasal*, formando o verbo *anasalar*:

A aeromoça de voz anasalada (elas fazem um curso para anasalar a voz?) informa que as máscaras de oxigênio vão cair. Estou junto à porta de emergência, o lugar mais espaçoso e mais fácil de sair, em caso de alguma capotagem ou colisão. (Blog. <http://www.estuario.com.br/2008/05/13/de-brasilia-memorias-de-um-viajante-chronico/>)

4. Derivação regressiva: também é um tipo muito raro na atualidade. Consiste na formação de um substantivo abstrato ao se tirar a terminação de um verbo. Neste exemplo, o verbo "ficar" (significando "namorar por um período curto") deu origem ao substantivo abstrato "fíco":

Em meio ao esforço de transformar wannabes em celebridades, estão centenas de agentes e assessores de imprensa. São eles que alardeiam pequenos casos ou mesmo "fícos" como namoros sérios, para colocar a imagem de seus clientes na mídia. (Época, 12/5/2005)

- Que outros exemplos de derivação você conhece? Procure exemplos dos vários tipos de derivação, que não estejam registrados nos dicionários, para observar como essa estratégia está sendo usada atualmente.

d) Siglação (*THC*):

A siglação é, na verdade, uma forma de abreviar uma expressão longa usando apenas letras ou trechos iniciais de cada palavra. A sigla formada dessa forma passa a se comportar como uma palavra qualquer, geralmente um substantivo (tem gênero, forma plural, tudo o que acontece com qualquer substantivo). Essa estratégia é muito comum na formação de substantivos próprios, como nomes de empresas e organizações, mas também acontece com nomes de substâncias químicas (como o caso de *THC*), entre outros casos. Veja este exemplo (*LER* = *lesão por esforço repetitivo*):

A LER também é conhecida como lesão por trauma cumulativo. Muitos estudiosos e instituições já preferem chamar as LER de DORT-doenças osteomusculares relacionadas ao trabalho. (<http://www.areaseg.com/ler/index.html>)

- Que outros exemplos de siglas você conhece? Procure exemplos que não estejam registrados nos dicionários, para observar como essa estratégia está sendo usada atualmente.

e) Neologia semântica (*freguês*):

Consiste em pegar uma palavra já existente e dar outro significado a ela. Por exemplo, *freguês* tem normalmente o significado de "comprador", mas no texto que mostramos passa a ter o significado específico de "usuário de droga ilegal". Nos textos que você leu aparecem vários outros exemplos. Essa estratégia é muito comum para formar aquilo que chamamos de "gíria", ou seja, um vocabulário específico de um grupo fechado (como o grupo dos traficantes e usuários de drogas ilegais). O problema dessa estratégia é que pode causar ambigüidades na comunicação (mas talvez seja isso mesmo o que o criador da palavra quis fazer...).

- Que outros exemplos de neologismos semânticos você conhece? Procure exemplos que não estejam registrados nos dicionários, para observar como essa estratégia está sendo usada atualmente.

f) Neologia por empréstimo (*koffeshop*):

Essa é outra estratégia muito comum, principalmente quando o conceito que precisa ser denominado tem origem em um país ou cultura estrangeira. Em vez de criarmos uma palavra na própria língua portuguesa, aproveitamos o nome que o conceito tem já na língua de origem. Ou seja, pegamos “emprestada” uma palavra de outra língua (daí o nome “empréstimo”). No exemplo da reportagem, usamos a palavra holandesa *koffeshop* para designar o estabelecimento comercial que vende maconha, já que esse tipo de estabelecimento se originou na Holanda (e, evidentemente, não existe no Brasil). Muita gente discute a respeito de essa estratégia ser válida ou não: alguns dizem que o ideal seria criar uma palavra usando as estratégias da própria língua portuguesa; outros dizem que pegar palavras de outras línguas é inevitável e sempre vai acontecer. E você, o que acha?

Veja outro exemplo (*pen-drive*):

□ **Pen-Drive - Em Oferta**

512 mb, 1, 2, 8 gb. Pen drives com mp3 player e mais. Ótimos Preços.

www.MercadoLivre.com.br

(Anúncios Google, setembro 2008)

- Que outros exemplos de empréstimos você conhece? Procure exemplos que não estejam registrados nos dicionários, para observar como essa estratégia está sendo usada atualmente.

Esses são os principais exemplos de estratégias usadas para criar novas palavras na língua portuguesa. Mas também existem outras. Anote todas as palavras que foram criadas recentemente utilizando outras estratégias que você encontrar.

Como você deve ter percebido com todos esses exemplos, os neologismos ocorrem em praticamente todos os tipos de texto. Muita gente é contrária aos neologismos, diz que eles são “errados”, que não devem ser usados. Mas se não existissem os neologismos, como daríamos nome aos conceitos novos que surgem no mundo?

Veja só um exemplo bem simples: no século XIX e começo do século XX, várias técnicas e aparelhos foram inventados, muitos dos quais são usados até hoje. Seus inventores precisavam dar nomes a eles. Para isso, criaram neologismos, como *telefone*, *fotografia*, *rádio*, *televisão*, *computador* etc. Hoje, todos nós conhecemos e usamos essas palavras, que não são mais consideradas neologismos. Da mesma forma, muitas das palavras que estão sendo inventadas atualmente continuarão sendo usadas por muito tempo ainda. Outros neologismos desaparecerão, por várias razões. Talvez porque o objeto denominado deixe de ser usado (no final do século XX, inventaram um aparelho que ficou conhecido como *video laser*; hoje em dia, muito pouca gente ainda usa). Talvez porque alguém crie outro neologismo que substitua o primeiro (quando inventaram os discos rígidos de microcomputadores, eles eram chamados de *winchesters*; atualmente, as pessoas preferem chamar de *discos rígidos* ou *HDs*).

Há casos históricos de neologismos polêmicos. Você já deve ter ouvido falar no *imexível*. Na década de 1990, Antônio Rogério Magri, então Ministro do Trabalho, causou polêmica quando se referiu ao plano Collor (plano econômico do governo Collor) como sendo “imexível”. Atualmente, essa palavra está registrada no dicionário Houaiss e no Vocabulário Ortográfico da Academia Brasileira de Letras.

imexível *adj.2g.* (c1990) em que não se pode mexer; inalterável <um plano de governo i.>
ETIM in- + *mexível*; ver *misc(i)*- ANT *mexível* (Dicionário Houaiss)

No texto “Os termos corretos para o design brasileiro”, de 2002, Gilberto Alves Jr. chama a atenção para o então neologismo “logomarca”:

Logomarca, um erro

Muito utilizado principalmente por publicitários e marketeiros, este termo tem se difundido também entre os profissionais do design para se referir ao logotipo. Muita gente diz que está errado, outros dizem que está correto, alguns defendem o neologismo, outros afirmam que é uma aberração, mas só a pesquisa nos trará luz à questão. (http://www.designgrafico.art.br/pontod/mural/logomarca_erro.htm)

Atualmente, a palavra está registrada no dicionário Houaiss.

logomarca *s.f.* (sXX) PUB 1 conjunto formado pela representação gráfica do nome de determinada marca, em letras de traçado específico, fixo e característico (logotipo) e seu símbolo visual (figurativo ou emblemático) *cf. logotipo* 2 *p.ext.* representação visual de qualquer marca ETIM log(o)- + *marca* (Dicionário Houaiss)

É importante lembrar que:

- ☐ Os neologismos ocorrem em todos os tipos de textos;
- ☐ Todos os falantes podem criar e usar neologismos (e fazem isso sempre, mesmo sem perceber);
- ☐ Os neologismos não podem ser considerados “erros”, pois são importantes para a língua.

Com base no que você aprendeu sobre neologismos, discuta as idéias do autor do texto a seguir. Você concorda com ele? Discorda? Justifique.

[Texto: Verbos novos e horríveis. Disponível em <http://www.aprovincia.com/padrao.aspx?texto.aspx?idContent=5625&idContentSection=701>. [Não reproduzido aqui por razões de espaço]

4 – Análise lingüística a partir da produção dos alunos

Duração do módulo: 6 h/a

Após essa seqüência de análise lingüística e com base no diagnóstico da produção inicial dos alunos já realizado, o professor verificará as habilidades dos alunos de mobilizarem os recursos lingüísticos para a criação de novas palavras. Além disso, poderá propor um novo módulo trabalhando eventuais dificuldades dos alunos em relação à criação neológica e outras dificuldades apresentadas pelos alunos.

5 – Reescrita da produção inicial

Duração do módulo: no mínimo 2 h/a

Considerando as discussões feitas anteriormente, podem ser feitos apontamentos na produção dos alunos a fim de que eles tenham direcionamento no processo de reescrita da produção inicial. Os alunos podem ter sido estimulados, no decorrer do processo, a buscarem novas fontes de informação sobre o tema: outras reportagens, pesquisas de opinião etc. Além de questões lingüísticas pontuais, é essencial o atendimento às características do gênero.

Dependendo do planejamento da escola e do tempo disponível, podem ser feitas várias reescritas. É desejável que as reportagens dos alunos, depois de reescritas e revisadas, sejam publicadas, no mínimo, no mural da escola, para que toda a comunidade escolar tenha acesso.

Considerações finais

Para a realização deste trabalho propusemos um objetivo, no mínimo, audacioso: a elaboração de uma proposta didática para ensino da neologia sem que o gênero textual-discursivo fosse usado como um pretexto. Para tanto, além de esclarecer nossa concepção sobre a neologia, verificamos como esse fenômeno é tratado nos Parâmetros Curriculares do Ensino Fundamental II e Ensino Médio e em uma coleção didática para o ensino de língua portuguesa.

Nossa intenção, ao tentar elaborar essa proposta didática, foi mostrar que é possível integrar as atividades de leitura, produção de texto e análise lingüística. E que,

sendo um fenômeno da língua, a neologia pode ser abordada em qualquer gênero, não somente nos da esfera artístico-literária como geralmente ocorre.

Essa nossa primeira experiência de didatização levando em conta a neologia aponta não só o que o tema é pertinente, mas também que é possível abordar a neologia na escola de uma forma menos coercitiva do que a que observamos.

Referências bibliográficas

ALVES, Ieda Maria. *Neologismo. Criação lexical*. São Paulo: Ática, 1990.

_____. *Um estudo sobre a neologia lexical: os microsistemas prefixais no português contemporâneo*. 2000. 640 f. Tese de livre-docência. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

BACELAR, Simônides. Questões de linguagem médica. *Rev. Para. Med.*, set. 2007, vol.21, no.3, p.81-82. ISSN 0101-5907.

BAKHTIN, M. (1953) Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da Criação Verbal*. SP: Martins Fontes, 1992, p. 277-326.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Fundamental II – Língua Portuguesa*. Brasília, DF: MEC/SEMTEC, 1998.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio*. Brasília, DF: MEC/SEMTEC, 2002.

CEREJA, Willian; MAGALHÃES, Thereza Anália Cochar. *Português: linguagens*. 8ª. série. São Paulo: Atual, 2000.

CANO, Waldenice Moreira. Tentativa de caracterização do neologismo: alguns critérios. In: ISQUERDO, Aparecida Negri e ALVES, Ieda Maria (orgs.). *As ciências do léxico*. Vol. III. Campo Grande, MS: Ed. UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. *Gêneros Oraís e escritos na escola*. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2004, p.95-128.

HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

SCHNEUWLY, Bernard. Gêneros e tipos de discurso: considerações psicológicas e ontogenéticas. In: DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. *Gêneros Oraís e escritos na escola*. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2004, p. 21-40.